

Poemas de Lindolf Bell
Vestibular ACADE - Verão 2025

Procuro a palavra palavra.....	1
Enfermidade, efemeridade.....	2
A palavra destino.....	3
Da palavra final nada sei	4
Primeira raiz	5
Da certidão de nascer.....	6
Andorinhas escrevem no ar.....	7
O ribeirão da infância	8
Ah! não fosse este rio chamado amor	9
Um inseto de Lagoa Santa	11
Poema para o índio Xokleng.....	12
Um touro atravessa a tarde.....	13
O bem-te-vi	14
Doído coração doído	15
Desterro	16
Minifúndio.....	18
Espelho I.....	25
Espelho II.....	26
Águas, entreáguas	27
Asa da primeira idade.....	28
Semanário	29
Poema matemático	30
Deste âmago provo o amargo gosto.....	31
É noite em teu jardim, mãe	32
Ouvi a morte passar	33
O poeta descobre-se no sebo.....	34
Poema do andarilho	36
Legado.....	42
Livra o nome de inúteis sons	43
Faça-se imprevisto o tempo da morte.....	44
Onde ficaram as vossas aves abatidas?	45
Poemas finais	47
Recôndito impulso	48
Recado final.....	49

PROCURO A PALAVRA PALAVRA

Não é a palavra fácil
que procuro.
Nem a difícil sentença,
aquela da morte,
a da fértil e definitiva solidude.
A que antecede este caminho sempre de repente.
Onde me esgueiro, me soletro,
em fantasias de pássaro, homem, serpente.

Procuro a palavra fóssil.
A palavra antes da palavra.

Procuro a palavra palavra.
Esta que me antecede
e se antecede na aurora
e na origem do homem.

Procuro desenhos
dentro da palavra.
Sonoros desenhos, tácteis,
cheiros, desencantos e sombras.
Esquecidos traços. Laços.
Escritos, encantos reescritos.
Na área dos atritos.
 Dos detritos.
Em ritos ardidados da carne
e ritmos do verbo.
Em becos metafísicos sem saída.

Sinais, vendavais, silêncios.
Na palavra enigmam restos, rastos de animais,
minerais da insensatez.
Distâncias, circunstâncias, soluços,
desterro.

Palavras são seda, aço.
Cinza onde faço poemas, me refaço.

Uso raciocínio.
Procuro na razão.

Mas o que se revela arcaico, pungente,
eterno e para sempre vivo,
vem do buril do coração.

ENFERMIDADE, EFEMERIDADE

A palavra não é nebulosa estrela.
Sequer desarticulada ilha de afinidades.

Estopim aceso, sim, águas de inquietação,
a palavra não é jogo de dados.
Jogo de dúvidas, sim, dádivas,
dardos envenenados de selvagem silêncio.

Por um fio a palavra é prata.
Por um fio a palavra é pata de cavalo.
Por um fio, ato de injustiça.

Não há nenhuma pressa na palavra
em seu destino de lesma.
A palavra, flor justa se for bem usada.
A palavra de fogo-fátuo feita.
A palavra que não faz acordos em vão.

A palavra
é não dar com a língua nos dentes.
Ainda que arranquem a língua.
E cortem a palavra em pedaços
e a exponham em postes públicos da degradação.

Não é sempre a palavra
só tiro de festim.
Pode ser fim de linha.
Quimera, exato fingimento de voo.
Nada, tudo, nunca e ninguém.
Assentimento, delicada práxis de afetos,
que somente se adivinha.

A palavra
que em breve
será a palavra dentro em breve.
A palavra
que se reveste de linho real
na linha real da vida:
 enfermidade,
 efemeridade.

PRIMEIRA RAIZ

Ancestral não diria:
antes cesto de tudo,
antes tempo em que mudo:
pelo, pele, sobretudo.

Ancestral direi:
se memória não fosse mais
(e é tudo)
que o risco na cerâmica quebrada,
o nome dentro da pedra achada,
e o amor, esta breve palavra,
em milagre de nada.

Ancestral, sim,
porque o que passou, passa, passará,
não passa de matiz, matriz, da manhã.
E dúvida ancestral
não é mais que fogo, afago, cinza.
E tudo que penso
pouco mais dura que a escrita,
a da raiz, a da marca do pé na terra,
que mino, rumino,
e que me habita.

DA CERTIDÃO DE NASCER

Nasci onde?
Nasci onde geografia se faz de sentimento.

Ali nasço.
Ali nasço ainda.
Cada manhã.
Em cada manhã de medo.
Arremedo.
Degredo a degredo.
Em cada impulso, incompetência.
Na eterna e suave ironia do destino
de mais sentir que saber.

De saber
apenas sei
de quantas palavras
se faz a canoa de afetos.
Embora caminhe torno
por sonhos retos.

Muito aprendi
da palavra engolida em seco.
E da palavra abatida
por palavras de equívoco
e sutis alvenarias de cinismo.

Permaneço aqui
mesmo assim.
Nasço onde geografia se faz de sentimento.
Entre princípio e fim de mundo.
Aurora a aurora.
Segundo a segundo.

ANDORINHAS ESCREVEM NO AR

Guardo da infância
andorinhas escrevendo
no ar

Hoje
recolho ainda
andorinhas escrevendo
no ar

Andorinhas
não publicam
nem declamam
o que escrevem
no ar

Entendi a escrita minha
ao entender a escrita da andorinha

O RIBEIRÃO DA INFÂNCIA

Não o reencontro.
Nem o reencontrarei
o ribeirão da minha infância.
Sua morte foi decreto público
de morte inteira.
De evitar qualquer vestígio.
Não teve prestígio.
Não tinha bandeira.

Nunca o fotografei.
Mas guardei-o em mim.
Nunca foi cartão-postal.
Mas é passaporte de saudade.

O ribeirão dorme
sob entulho,
num embrulho
de crueldade.
Dorme sob a assinatura
do decreto.
No esquecimento geral dorme
e dorme na minha inútil lembrança.

Nada o fará ressuscitar.
Riem de minhas perguntas,
caçoam do meu poema,
me apontam na rua,
me nomeiam entre os animais irracionais.

Não à minha frente
em seus disfarces de lobo e raposa.
Não em meus olhos
com seus olhos de enguia.

Mas em festas de família, sim.
E sobretudo aos sussurros, sim.
Ali dizem o que pensam
e se contorcem de rir até as lágrimas.

AH! NÃO FOSSE ESTE RIO CHAMADO AMOR

O rio que conheço
não aprendi de livro
nem de mapa inventado

Jamais escrevi em caderno
o nome deste rio
Nunca desenhei a giz
o movimento de suas águas

Sei deste rio
por seu silêncio
Deste rio que ninguém me falou
Não surgiu de histórias passageiras
Não precisa de suborno para estar comigo
Nem de mentiras enfeitadas
sequer de afinidades sorrateiras

Este rio vem despojado de intransigências,
preconceitos,
perplexo no eterno desejo
Dádiva e dívida comigo mesmo
e dos outros homens
também a esmo

Flui em mim este rio sem vulgaridades
Atemporal, flui em mim com sabor de paciência
e extraordinário sabor de nada
Nem sequer de buscas e tempo perdido
nem sequer de nada

Este rio tem nome secreto
e não
E corpo de rio
onde outros rios se vão
Porque o rio
é como o homem:
sem nome
mora no esquecimento,
sem corpo
é árvore cortada,
é menos que nada

Ah! Não fosse o amor sempre e de novo
a estação sem fim
Esta eterna duração
onde, quem passa, não passa,
floresce fácil,
flui

Ah! Não fosse este rio chamado amor
de peso feito, medida e saudade infinita
Não teria o homem medida
de sua própria medida finita

UM INSETO DE LAGOA SANTA

Um inseto de Lagoa Santa
sobreviveu três mil anos
fora do destino comum

Fora do destino comum
e dentro da solidão

Em armazéns do tempo
as coisas permanecem
mais tempo
que ao tempo destinado

Fora do destino comum
e dentro da solidão

POEMA PARA O ÍNDIO XOKLENG

Se um índio xokleng
subjaz
no teu crime branco
limpo depois de lavar as mãos

Se a terra
de um índio xokleng
alimenta teu gado
que alimenta teu grito
de obediência ou morte

Se um índio xokleng
dorme sob a terra
que arrancaste debaixo de seus pés,
sob a mira de tua espingarda
dentro de teus belos olhos azuis

Se um índio xokleng
emudeceu entre castanhas, bagas e conchas
de seus colares de festa
graças a tua força, armadilha, raça:
cala a tua boca de vaidades
e lembra-te de tua raiva, ambição, crueldade

Veste a carapuça
e ensina teu filho
mais que a verdade camuflada
nos livros de história

UM TOURO ATRAVESSA A TARDE

Um touro atravessa a tarde.
O coração aceso da tarde.
O pulmão inquieto da tarde acendida.

Não é um touro atravessado de flecha.
Mas é Ápis
este anônimo touro
ultrapassado de luz da América Latina.

Um touro de mil anos luz.
Um touro arrancado de um mural sem tempo
nem rigor de beleza ultrajado.

Vivo animal de beleza.
Redivivo touro, deus.
Um touro de ouro.
Sem lógica nenhuma atravessando a tarde.
A tarde e a estrada.
A tarde e a estrada
e a minha realidade atravessada deste instante
e esta eternidade.

Touro de graça e força.
Secreto pensamento de Pierro della Francesca
e Altamira dentro de meu pensamento fugaz.
É o touro sólido na tarde.
É o touro de angústia e luz.

O touro atravessa a tarde.
Sem contradições
no sentimento do mundo.
Nem ambivalência
nos movimentos.

O touro atravessa a tarde.
Atravessa a estrada e a tarde.
Atravessa a estrada, a tarde e a eternidade.

Este touro lapidado pela luz da tarde
é todas as coisas que sei.
Mas é sobretudo
todas as coisas
que eu ainda não sei.

O BEM-TE-VI

O bem-te-vi
só fala bem-te-vi

Na paz da tarde
é bem-te-vi

Na guerra
o gavião é tempo pretérito.
É o bem-te-vi pensando:
bem-te-vejo

O bem-te-vi no mourão da cerca
No lombo da vaca mestiça
É bem-te-vi
quando descobre outro bem-te-vi
de flauta fina e igual

O bem-te-vi
é um objeto visual no passado:
desde o nome
Isto é: desde o verbo
Isto é: desde que feito pássaro
boiou sobre a palavra
que boiava sobre as águas
que boiavam na vontade de Deus

Versos finais:
o bem-te-vi
sobre as águas do dilúvio
recolhe o verde ramo da esperança
Confundido com suave pomba, primeira e última,
eu bem o vi e bem o vejo
entre lembranças, antigas escritas

E para sempre, por decifrar:
brando, sonoro, enigma do ar

DOÍDO CORAÇÃO DOIDO

Estive entre mim
e entre mim.

Naufrágios.
Dífíceis rimas.
Remos de quebranto.

Ninguém sabe o que é.
O que se sabe não se diz.
O que se diz não se vê.

Doido coração. Dóido.
Estoura, estalada.
Estigma.

DESTERRO

I

Aqui estou eu
em pleno século XX
desterrado por Platão.
Dentro do círculo da vida
não mais aberto
que um não.

Que faço neste tempo
entre terra e céu de ironia?
Em coração caracol
e tempo de uvas verdes?

Faço um poema.
Me desfaço.
Me desfaço como um laço
de uma caixa de presentes vazia.

E enquanto me desfaço no poema
afino o sentimento do mundo:
desterro se faz de nenhum lugar.
E só se faz de saudade.

II

Em terra-de-ninguém
a senha digo: Desterro.
Areia movediça
onde fundo
meu desespero.

Vem de longe este sentimento na carne.
Este frágil bordado de vento nas folhagens.

Vem de longe o paradoxo deste país de ideias.
De penas brilhantes, safiras de esperança
e de insólitas reentrâncias
no destino traçado
de provisórias certezas.

O rosto do poeta
se faz em terra-de-ninguém.
Em desterro.
De perfeita calma.
E livre-arbítrio.

Destino meu
que habitas a casa, a terra,
a concha de ser
e de estar em todas as casas, coisas,

em terra-de-ninguém
que nome darei ao sentimento
que me assalta com transitórios
e dourados fios de mentira?

Desterro talvez.
Quem sabe desdouro?
Ou destrela?
Ou ainda destempo?
Sem esquecer o desdém
de liberdades por decreto
e a forjada foice da arbitrariedade.

MINIFÚNDIO

I

Sem limites intransponíveis.
Nem infinitos
de soberba
no minifúndio.
A terra persiste
e o homem permanece
matéria de tudo.

Não há velocidade de luz escrita
nem ensinada
no minifúndio.
Olhos de lavrador
iluminam a terra
e guardam o dia
debaixo de pálpebras e rugas
quando dorme.
É no torno caminhar do sonho
como torno caminha na vida.

Pesares, tristuras.
Fértil celebração de circunstâncias.
Não há enigmas
nem ambiguidades feitas de ausência
no minifúndio.
Tudo é redondo:
curiosidades, espanto, laços de família,
esplendores de pouca futilidade.

Não se vai a lugar nenhum
sem carregar a moita de mistério.
Porque o minifúndio se faz
na terra da palavra.

Enterrem-me na palavra.

II

no fundo do Vale do Itajaí
ali rastejo, festejo,
o coração colono
na calma colina

III

A vida me delega tarefas
e me dá medos
E desconfiança
destes merecimentos

IV

se guardas a memória
na memória
anterior à palavra
e à história

então entenderás
o arrepio
que te habita
ao rever
a larva da borboleta
sob a folhagem da couve-flor

V

A planta dentro do vaso,
dentro da sala,
dentro da casa,
cresce para onde?

Não cresce para dentro
nem para fora do vaso:
pensa num espaço
onde a liberdade
não se esqueça.

Nem estremeça
sob o olhar de conquista
e adubo artificial
do proprietário da casa.

VI

A linha do horizonte
atravessa meus olhos

Meus olhos
que a linha final da morte atravessará

A linha do horizonte
viverá de horizonte a horizonte

Sem meus olhos
E sem a minha vida

VII

Se arrancares das asas
o pássaro,
arrancareis do movimento
as asas

Não há regresso
Espelho e rosto
têm a mesma face
de acesso

Asa e pressa conheço
É destino, é impresso
A casa deste crime
só tem ingresso

VIII

A taturana
tem seda no movimento

O coração
da taturana
teceu-se de seda
E nada

A morte
da taturana
e meu medo
não têm nome

IX

Leio na sub-linha
de um texto
No livro em branco
das entrelinhas

Em 1982
a ave da sorte bica

o fígado exposto da vaidade

E o ser se faz de ter
E se enterra vivo,
sem perceber

X

Decifra-me
ou te devoro
diz o tempo
ao homem

Não te decifro
nem te devoro
diz o homem
ao tempo

Sim, sim,
concorda o tempo.
Prepara a praça do encontro
e me desconhecerás
na paisagem

XI

O pássaro
conhece o horizonte.
A redondez
da terra.
E a primavera que anuncia
no canto solitário
E na espera.

O pássaro não sabe
que eu sei, solitário,
atrás da vidraça
estas coisas que ele sabe.

Mas o pássaro
sabe de coisas
que nunca saberei
atrás das vidraças.

XII

As ervas sobre o telhado florescem

dia após dia
e escurecem

As flores do telhado
espreitam as flores do jardim
E a chuva do telhado
faz parte de tudo:
das ervas que crescem
e das perguntas que faço de mim

XVIII

Os cadeados
que o tempo carrega
carrego dentro de mim

Rosa
Rosaestrela
Ilhailhada
Floremflor

O tempo é curto
O tempo é certo

XIV

Desafino?
A voz?
Pouco importa.
Muito acidente
encontra o rio
antes da foz.

XV

Se não for sonho
não vale a pena viver
Pois de sonho em sonho
aprende-se a ser

Nada mais
que o sonho,
perguntareis?

Nada mais simples
para prender-me

Nada mais simples
para perder-me

XVI

Meu coração
tem a forma redonda da esperança
E nada me circunda
que não me preencha
E tudo que me escurece
me delinea

O mundo é redondo
como a minha boca

Redondo como os testículos
na palma de minha mão

XVII

Do reino da indiferença
nada sei
Também não visto
a roupa das diferenças

Na proximidade, sim,
encontro o chão
Retiro o pão,
sol da manhã
partilho,
na ceia
da iniciação

XVIII

Eu vejo animais
nas nuvens que se movem.
Nos muros das casas vejo flores
do tempo móvel feitas.

Estas flores nascem das diferenças
- estas sempre vivas escondidas nas palavras.
Vêm debaixo da terra
e da planta dos pés do homem.
E do nó vivo no peito
feito de humilhação e fome.

Eu vejo animais nas nuvens.
Eu vejo animenos nas navens.

XIX

Onde a morte morre
Onde a morte se fere de si mesma
Onde o corpo se inscreve
nas linhas sinuosas da alegria

Ali meu coração bate
sem falas guaranis
nem pampas latifúndios

Meu coração
não passa de um minifúndio
E minha linguagem
chama-se viver

ESPELHO I

O espelho:
na conquista da máscara definitiva
no prelúdio da morte capturada

O espelho, este
labirinto de Creta. Este
dédalo de meandros.
Esta verdade nua
e crua. Esta vertigem,
este hieróglifo de luz.

Ah! Então é isto!
O espelho
é onde o pássaro do tempo pousa.
Se reflete,
se debate ferido, aferido.

E deflagra a morte provável.

ESPELHO II

O espelho sujo
deforma a imagem: do rosto.
Não o rosto
diante do espelho.

Porque o espelho dentro do rosto
é inimigo apropriado.
Eterno e breve.
Transcende a convivência consigo mesmo
e o tempo marcado.

O espelho dentro do rosto
como o rosto espesso, diverso, esparso,
estúpido, estranho,

é estrume do tempo
e ouro da morte.

ÁGUAS, ENTREÁGUAS

Em outras águas.
As chamadas entreáguas.
Onde a dor
liquefaz o homem
e o derrama em lágrima
sobre a própria face.

Onde a identidade se perde.
Se dobra sobre si mesma
em silêncio e lesma.
Se fecha se abrindo.
Sem nome certo
nem sobrenome de arcaicos reis.

Em águas
vindas de inesperadas vindimas da constatação
o homem se vê
no espelho das águas
e vê mais
que o espelho pode ver.

Entre estilhaços,
fragmentos, momentos,
certeza, incerteza,
aqui o homem se reconhece
e humilde entrega as roupas, corpo e alma:

se me abandonais, deuses,
deixai-me vossos sonhos.

ASA DA PRIMEIRA IDADE

Longe de mim
como a mais distante estrela.
Próxima de mim
em meus olhos (e coração)
que me permitem vê-la.

Pouco sobra da vaidade,
da divisão dos tempos,
da distribuição de afetos.

Ensina-me sobra, sombra, terra,
aonde me perdi.
Ensina-me do orvalho
que umedece o sonho de perfeição
que não esqueci.

A minha aldeia chama-se:
ninho de liberdade.
Mas onde terá ficado a asa
da primeira idade?

SEMANÁRIO

Na segunda-feira trabalho.
Afió enganos, anos e anos.

Na terça-feira trabalho.
Faço promessas de vagar
e de pressas.

Na sexta-feira trabalho.
Descubro um buraco na calça
Outro buraco na alma.
Liquido a traça.

Na quarta-feira trabalho.
Empilho o tédio em caixas.
Penduro em branco nas ruas,
as faixas.

Na quinta-feira feira trabalho.
Esqueço um percevejo
no fundo da gaveta
do desejo.

Sábado trabalho.
No fonema, no poema.
No sonho entalado da verdade.
No dilema da felicidade.

No domingo
sento numa praça deserta.
E penso, covarde,
na próxima semana
escrita no livro da liberdade.

POEMA MATEMÁTICO

Me somo.
E fio um.

Me multiplico.
E permaneço um.

Me divido.
E continuo um.

Me diminuo.
E resto um.

Me escrevo.
E sou nenhum.

DESTE ÂMAGO PROVO O AMARGO GOSTO

Deste âmago provo o amargo gosto.
Antigo fruto exposto.
De saudade.

Deste amargo provo
o gosto amargo de ser aos poucos
não mais que discernimento,
lúcido epitáfio, esquecimento.

Quem sabe este amargo seja sangue.
Quem sabe este gosto vem da água.
Quem sabe de vinagre, quem sabe de mágoa.
Quem sabe este amargo seja terra.
Quem sabe a tudo sabe
por tudo ser de amargura.

Não importa.
Eu provo este amargo gosto
como um rosto
que se olha por fascinação
mas também por desgosto.

Eu provo o amargo gosto deste rosto.
E amo o que provo
pelo amargo gosto.

É NOITE EM TEU JARDIM, MÃE

Pouca memória.
Tão clara e doída tanta.
Foi recente.
Mas tanto tempo faz que se foi.

Partiu em manhã de chuva.
Minha mãe partiu.
O único momento em que não se repartiu.
A sua morte não repartiu.

Disse um dia:
viver é um jardim precário.
Mas vejo no meu jardim
a eternidade do jasmim.
Porque é belo o eterno.
E porque é belo o jardim.

Sim! O dia amanhece.
Todos os dias.
Por trás dos montes
que vejo de teu jardim.

E toda manhã
o vizinho passa em frente da casa
e não te acena mais
nunca mais.

Acena para o jardim vazio,
por hábito, medo da morte, espanto.
E pela luz do dia
que ainda freme
de teu canto.

E mesmo assim
É noite em teu jardim.
Por mais que amanheça,
Por mais que amanheça.

OUVI A MORTE PASSAR

Ouvi a morte passar.
Senti seu hálito
e seu silêncio.
Senti a morte
em seu movimento de centopeia,
aura de seda
e horror.

Toda morte
é equívoco.

O POETA DESCOBRE-SE NO SEBO

O poeta ansioso, silencioso, vaidoso
como sempre,
caminha no centro da cidade.

Em busca de si mesmo, considera o poeta,
em busca de mim
e também do povo
que tanto precisa de mim.

Encontra o sebo:
no mesmo lugar
o sebo de sempre
no mesmo lugar.
O sebo que liquida livros de poesia
como sempre,
como sempre anuncia o cartaz
escrito a pincel atômico
que a luz consome.

Quer dizer: o sebo liquida duplamente
a poesia,
pensa o poeta
sem revolta
nem meta.

O poeta abre caminho entre os títulos.
Polvo de curiosidade.
Mil dedos
entre mil páginas.
E o poeta, herdeiro dos deuses,
hierático, enigmático como sempre
mas de suor frio na testa,
entre tantos livros empilhados
pilhou-se em flagrante
folheando o próprio livro.

Leu comovido a dedicatória.
O que sobra de um tempo feliz, pensa.
Esta íntima dedicatória, amiga, íntegra entrega:
ofereço estas palavras
para que a ponte da amizade
cresça perfeita entre nós
seres humanos.

O poeta deixa o sebo
e sente o ruidoso bafo da vida.

E neste instante

começa a escrever
o próprio epitáfio.

POEMA DO ANDARILHO

I

Menor que meu sonho
não posso ser

Mil identidades secretas.
Mil sobras, sombras, mil dias.
Todas palavras e tudo.
Barco de ambiguidade,
sôfregas palavras.
De todas contradições, desencontros,
dos contrários de mim,
andarilho.
Da flecha de várias pontas, direções.
Dos outros seres
que também andarilham.

Pois menor que meu sonho
não posso ser

Andarilho
de ervas sutis
crescidas de noites luzes
becos latinos frêmitos andes ilhas.
Andarilho
de santos falidos, feridos
de vaidade.
Dos frutos da segurança vã,
vã beleza de repente solidão.

Feitiços, laços, encantamentos.
Prodígios, tordesilhas, ressentimentos.
Andarilho de perder pele, asa e uso,
mariposa da lua difusa do amanhecer.
Andarilho
de paisagens precárias do sentimento
guardado a sete chaves,
não fotografável,
nem desvendável em câmaras escuras, secretas torturas,
ou à luz de teus olhos surpresos, presos
nos meus olhos, ilhas.

Pois menor que meu sonho
não posso ser

Andarilho.
De insignificâncias magníficas colheitas do nada.

De tudo que ninguém se lembra
nem nunca escreveu.
De uma nuvem veloz reflexo de outra nuvem
andarilha nuvem do sul
de onde vem a luz,
andarilho.

Crescem em mim as palavras sensações mais estranhas
e andarilham.

Arrulho de palavra pousada ave
sobre um minuto de trégua e milagre do tempo
quando o sol se põe atrás do horizonte inquieto
do dicionário
e da dúvida:

armadilha.

na saliva na garganta
na palavra escrita primavera
na capa de um caderno antigo
do Grupo Escolar Polidoro Santiago de Timbó

andarilho de linhas esquecidas tortas velhas trilhas
datas de nascimento burlescos aniversários
andarilho andorinha
em ziguezague na festa
na face de Deus

Aos trancos e barrancos, andarilho.
De trincos e garimpos, andarilho.
Andarilho de desafios, desafinos.
De socos recebidos e raros revides,
de atonias em atrofias, andarilho.

Andarilho.
Na diferença palpável de volúpia.
De assédios, impertinências, ideologias.
De recalques,
decalques, vídeos, celuloides, fitas
gravadas da liberdade,
gravatas, contatos, contratos,
andarilho.

Pois menor que meu sonho
não posso ser.

II

Empoleirado em minha gaiola de ineficiência,
andarilho.

Longe de grandes e confortáveis salas
da subserviência, andarilho.
Transitivo, substantivo, adjetivo.
Solto na correnteza do medo, da instabilidade
de tudo, na multidão de afetos.
Eu, claro enigma: sete palmos de terra,
sagrado sopro de todo o sentimento.
Eu, quebrado espelho d'água de Narciso
e fogo de Orfeu entre a paixão
e o definitivo tempo.

Eu estranho a maioria das vezes
na própria terra do poema
onde me sedimento, acidento,
me desencaminho, me aninho,
me enovelo em trama de pouco, em menos,
em quase nada
e mesmo assim andarilho.

Pois menor que meu sonho
não posso ser

Eu matéria recalitrante do futuro.
Eu a nação inteira sob o impacto do sonho.
Eu dissecando a morte sobre a mesa da manhã.
Eu onipresente e diluído na dor geral.

III

Fechei meu expediente da comoção fácil.
Corretores da insegurança:
deixai a sala de frente da precariedade.

Atravesso jejuns, desdéns,
indecisões, hospedarias do tempo.
A luz acesa de hotéis bordéis pobres e mal cheirosos
suicídios alheios pleonasmos.

Atravesso anúncios
e antenas.
Os homens apressados do século XX
e sua matéria veloz de sobrevivência atravesso.
A rua que antes atravesssei atravesso outra vez
e a praça onde contornei a liberdade
da palavra
e da liberdade.
volto a atravessar.

Pois menos que meu sonho

V

Passa o tempo.
Como passa, passou o tempo,
oh! frase feita,
inútil consolo e alívio.

Passo este tempo que me passa.
Passo pontos de interrogação, helespontos,
helespantos.
Passo a ponte, o poente.
Deliberadamente passo
mas sem pressa, passo
a passo.
Passo os fusos horários
e passeio entre o sonho
e as palavras.

Também entre as obscenas por decreto.

Pois menos que meu sonho
não posso ser

VI

Atravesso compêndios, currículos, apostilas
de silêncio
e minha sombra pisada
por outra sombra
também feita de tudo
e nada
Atravesso simulacros
e arranco o lacre da palavra

Pois menor que meu sonho
não posso ser

Atravesso o avesso
E meu barco de travessias
é a palavra terra
cercada de água por todos os lados

Pois menor que meu sonho
não posso ser

Estou do lado de lá da ilha
Aqui disponho de mim
e conheço meu próprio acesso
Aqui conheço a face inversa da luz

onde me extravio
e não cessarei jamais

Pois menor que meu sonho
não posso ser

LEGADO

Deixarei por herança
não o poema
mas o corpo no poema
aberto aos quatro ventos

Pois todo poema
é verde e maduro,
em areia movediça
de angústia, solidão
Onde me debato
ainda que finja o contrário
em busca da verdade
e seu chão

Deixarei por herança
não o poema
Mas o corpo repartido
na viagem inconclusa

Pois todo poema maduro
é um verde poema
E, mesmo acabado,
se estriba na inconclusão
Claro, sem esquecer,
o stratagema da paixão

LIVRA O NOME DE INÚTEIS SONS

Livra o nome
de inúteis sons
de letras a mais
ou a menos

Livra o destino
do nome gravado
Do nome escrito
em areia do tempo,
no imutável tempo
do nome

Livra a alma
de escudos, estrelas demais
De tudo supérfluo,
de toda superfície,
do aluamento do ser

Livra a liberdade
de todo lastro
De qualquer lustro
De vocábulos insólitos, grandiloquentes,
feitos de nada,
vocábulos de enfeite, confeitos

Livra-te do palmo de terra
que te cabe
De panfletos do sentimentalismo
Dos improvisos da paixão

Livra-te de ti
antes de tudo
Livra-te a fio de navalha
Livra-te a fio de ideia
que da dor faz palha

Livra-te das ideias fixas
Porque a dor alheia
também é nossa

FAÇA-SE IMPREVISTO O TEMPO DA MORTE

Faça-se imprevisto o tempo da morte
e o tempo de carências febris.
Nos mil dias desta escritura.
No perverso afeto da revelação.
Na fruição do desejo
no desejo de tudo,
no interstício onde se entreabre
o pássaro do improviso.

Liberto. Libertino.
Onde a fenda se abre de ardências,
querências, ardores.
Ali onde vivem, convivem, certeza e incerteza,
na mesma bandeja, na pele do desejo,
na maciez mas na aspereza do nada.

Ah! Se júbilo é isto,
esta insensatez de desfolhar-se.
Ah! Se prazer é esta ambiguidade
onde o real
 é sempre o irreal
de passageira cintilação,
esta pele que brilha de escamas luzentes,
coragem, coração,
sentimento, metáfora, de súbito clarão.

Venho destas perguntas terra-a-terra.
Da contradição do pavão sem penas.
Aquilo que a língua não disse.
Do que subjaz à saliva.
O que se faz ardume na vontade de dizer, desdizer.
E de ter perdido o medo da pronúncia correta
e a vergonha da palavra solidariedade.

ONDE FICARAM AS VOSSAS AVES ABATIDAS?

Onde ficaram as vossas aves abatidas,
embutidas nos armários,
onde ficaram?

Onde ficaram
os armários embutidos de vossas salas
com suas portas entalhadas
e gavetas entulhadas
de documentos, dividendos, excrementos e certidões?

Onde ficaram as vossas malas enfeitadas,
confeitadas de recordações,
onde ficaram as neuroses cravejadas de brilhantes?
Onde ficaram as vossas recordações de
onde ficaram as águas vivas de vossos mares?

Onde ficaram
os desejos na virilha,
a cobiça, a ganância,
o escrúpulo posto de lado?
Onde ficaram os vossos amores
de amoras arrancadas
dos tempos de fingimento?

Onde ficaram os vossos diplomas, as vossas denúncias,
os vossos assaltos, os vossos insultos
e vossas almas penduradas em ganchos de açougue, em ais,
na paisagem tropical?

Onde ficaram os vossos segredos
a sete chaves guardados,
a partilha degredo a degredo,
o rabo entre as pernas
como atestado de medo,
o papel assinado, tremido, dobrado
e a asa da prepotência fingindo voar
e não mais que arremedo,
onde ficou o vosso enredo?

De todas aquelas frases feitas bem feitas
Empoladas, empenadas, emboloradas
Desfeitas agora
de mórbidas intenções, plágios e mentiras,
o que sobrou?

De todas aquelas sentenças lidas,
carimbadas, assinadas, seladas de princípios,
ofícios, orifícios,

de identidade forjada em cartilhas, antilhas,
lentilhas, baunilhas, país das maravilhas,
o que sobrou?

Sobrou o tempo.
E antes do tempo final
eu vos colhi.
A bordo de vossa nau de luxo.
A bordo de vosso deslumbramento.
A bordo de vosso desdobramento
de mil caras pintadas de pó-de-arroz.
E vos encerrei
e vos abri na palavra.

Antes da morte
vos revelei.
E vos engastei no poema.
E no tempo permanente.
Com vossas verdades camufladas.
E minhas verdades camufladas.
E toda iniquidade em praça pública.

Ali ficam as respostas.
Ali ficaram as dúvidas.

POEMAS FINAIS

I

Está escrito em algum lugar:
em páginas de terra
a morte do homem é diagrama

Hóspede da terra
Passageiro do mundo

Aqui tudo acaba
Aqui tudo acaba quando
E por isso a estrela da manhã
levanta aqui

Está escrito no tempo:
escrever ao acaso
é chegar sem prazo

II

Alguma alga
inventa o tempo.
Ali onde luas, estrelas, estalos.
Ali onde áspera é a beleza,
suave em excesso.
Ali fibra. Ali febre.

Vai até a porta.
Esta da alma, a secreta.
O espelho é dentro.
O enigma se chama:
fechado é aberto.

Amiga nos longes,
nas cartas raras.
Onde se quebram amarras,
onde se amarram destinos.

Terra estranha.
E cheia de afetos.
Sem efeitos gratuitos.
Sequer palavras enfeitadas.

Desterro. Desterra.
Ali se resume a vida.
E nada é em vão.
Ainda que pareça o contrário.

RECÔNBITO IMPULSO

Amadureço
na palavra
que amadurece.
Entre fibras, sangue, desejo,
que intumesce.
No amor
onde cresço, me acresço:
eis a messe.

Nivelar
é navalhar a liberdade.
E viver é longa estrada,
é recôndita vontade
dita e não dita:
 vocábulo,
 coágulo.

Amadurecer.
 Lúcido,
 lúdico.

Na maravilha.
Na armadilha.

Amadurecer no âmago.
 O âmago amargo.
 O amargo âmago, amado.
Amadurecer o âmago armado
do tempo esplêndido da alegria.
Mas também do tempo da amargura
que estraçalha
 e desconfia.

Amadurecer.
A áspera saliência e rubra.
A macia maçã
do recôndito impulso.

RECADO FINAL

Recado final:

Peço pendurar

este poema

entre as chaves

de teu colar

feito de chaves e aves recordações

Porque este pedido

é mais que um poema

e mais que uma recordação.